



Aprovou!

ELITE Resolve

UNICAMP - 2019

2ª Fase

Português e Redação

www.elitecampinas.com.br

OS MELHORES GABARITOS DA INTERNET

REDAÇÃO

PROPOSTA 1

Você é um(a) estudante do Ensino Médio na rede pública estadual e soube de um acontecimento revoltante na sua escola: sua professora de Filosofia recebeu ofensas e ameaças anônimas por suposta tentativa de doutrinação política, ao ter iniciado o curso sobre as origens da Cidadania e dos Direitos Humanos modernos com o texto a seguir:

Teócrito e o pensamento

A ninguém, nem aos deuses nem aos demônios, nem às tiranias da terra nem às tiranias do céu, foi dado o poder de impedir aos homens o exercício daquele que é o primeiro e o maior de seus atributos: o exercício do pensamento.

Podem amarrar as mãos de um homem, impedindo-lhe o gesto. Podem atar-lhe os pés, impedindo-lhe o andar. Podem vazar-lhe os olhos, impedindo a vista. Podem cortar-lhe a língua, impedindo a fala. O direito de pensar, o poder de pensar, porém, estão acima de todas as violências e de todas as repressões, que nada podem contra seu exercício. (...) Parece claro que não há abuso mais abominável que o de tentar impor limitações ao pensamento de qualquer pessoa.

Pretender suprimir o pensamento de quem quer que seja é o maior dos crimes. Pois não é apenas um crime contra uma pessoa, mas contra a própria espécie humana, uma vez que o pensamento é o atributo que distingue o ser humano dos demais seres criados sobre a face da terra. (...)

Na vida na cidade, se um homem neutraliza dentro de si o direito de pensar, a cidade pode ser tomada e dominada pela ferocidade de um tirano, cujo despotismo levará o povo à morte pela fome, pela crueldade ou por outras formas de injustiça e prepotência. E se não o povo todo, pelo menos uma parte do povo, certamente, será arrastada à opressão, à tortura, ao cárcere ou a qualquer outra forma de perdição. Os tiranos não gostam que as pessoas pensem. (Teócrito de Corinto, filósofo grego, século II d.C.)

A direção da escola ainda não se manifestou publicamente sobre o episódio. Indignado(a) com a tentativa de censura que a professora sofreu por propor aos alunos reflexões fundamentais à formação cidadã, você decidiu escrever o texto de um **abaixo-assinado** encaminhado à direção da escola, em nome dos estudantes, no qual deve: **a)** reivindicar que a escola se posicione publicamente em defesa da professora; **b)** reivindicar a manutenção de aulas de Filosofia que tematizem os Direitos Humanos; e **c)** justificar suas reivindicações. Para tanto, você deve levar em conta tanto o texto acima quanto os excertos abaixo.

1. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

(Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo XXVI, item 2, 1948.)

2.



(Alexandre Beck. Disponível em pa.unicamp.br/direitos-humanos -armandinho-n-upa. Acessado em 24/11/2018.)

3. No que toca aos direitos humanos, a filósofa Hannah Arendt identificou na ruptura trazida pela experiência totalitária do nazismo e do stalinismo a inauguração do *tudo é possível*, que levou pessoas a serem tratadas como supérfluas e descartáveis. Tal fato contrariou os valores consagrados da Justiça e do Direito, voltados a evitar a punição desproporcional e a distribuição não equitativa de bens e situações. Arendt propõe assegurar um mundo comum, marcado pela pluralidade e pela diversidade, o qual, através do exercício da liberdade, impediria o ressurgimento de um novo estado totalitário de natureza. No mundo contemporâneo, continuam a persistir situações sociais, políticas e econômicas que, mesmo depois do término dos regimes totalitários,

contribuem para tornar os homens supérfluos e sem lugar num mundo comum, como a ubiquidade da pobreza e da miséria, a ameaça do holocausto nuclear, a irrupção da violência, os surtos terroristas, a limpeza étnica, os fundamentalismos excludentes e intolerantes.

(Adaptado de Celso Lafer, A reconstrução dos direitos humanos: a contribuição de Hannah Arendt. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 30, São Paulo, p. 55-65, maio/ago. 1997.)

4. O bicho está pegando na educação. Fico pensando em que mundo vivem os que acham que as escolas brasileiras sofrem de “contaminação político-ideológica” comandada por “um exército organizado de militantes travestidos de professores”. É uma baita contradição para quem diz defender a “pluralidade”, e é o caminho oposto dos países de alto desempenho em educação: Estados Unidos (em que alguns Estados oferecem educação sexual desde o século XIX), Nova Zelândia, Suécia, Finlândia e França. No Brasil, querem interditar o debate. Mesma coisa com os estudos indígenas e africanos, classificados aqui como porta de entrada para favorecer “movimentos sociais”. Já na Noruega, o currículo é generoso com o povo *sami*, habitantes originais do norte da Escandinávia. “Doutrinação”, por lá, chama-se respeito à diversidade e às raízes da história do país. Para piorar, o principal evangelista dessa “Bíblia do Mal” seria Paulo Freire. Justo ele, pacifista convicto e obcecado pela ideia de que as pessoas deveriam pensar livremente. Presos na cortina de fumaça da suposta doutrinação, empobrecemos um pouco mais o debate sobre educação.

(Adaptado de Blog do Sakamoto. Disponível em <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br>. Acessado em 05/07/2018.)

Comentários

A primeira proposta de Redação do vestibular da UNICAMP 2019 solicitou ao candidato a elaboração do gênero textual abaixo-assinado. A situação de produção ocorre em uma escola, cuja professora de Filosofia começou a sofrer ofensas e ameaças anônimas após iniciar seu curso sobre as origens da Cidadania e dos Direitos Humanos modernos com o texto intitulado *Teócrito e o pensamento*, do filósofo grego Teócrito de Corinto. A ofensiva contra a professora justificava-se por suposta tentativa de doutrinação política por parte da docente.

O texto em voga defende que tiranos não gostam que as pessoas pensem, por meio de um raciocínio que se baseia na ideia de que é possível tirar da humanidade várias capacidades (gesto, visão, fala), no entanto, a capacidade de pensar ninguém pode retirar do ser humano, a despeito de qualquer violência ou repressão que se possa impingir ao homem. Tal hipótese, segundo o texto, seria o maior dos crimes que se poderia cometer, por não se tratar apenas de uma afronta à pessoa, mas contra a espécie humana, cujo atributo do pensamento é o que distinguiria o homem dos outros animais. A consequência nefasta de se neutralizar o direito de pensar de uma pessoa seria a dominação tirânica, levando o povo à morte por causas advindas do despotismo do tirano, além da condução de ao menos parte da população à opressão, à tortura ou ao cárcere – os seres ainda pensantes, talvez.

Desse ponto de partida, o candidato deveria colocar-se na posição de um(a) estudante indignado(a) com a censura que a professora sofreu por propor aos alunos reflexões fundamentais à formação cidadã, estudante este(a) que decidiu escrever o texto de um abaixo-assinado para ser encaminhado à direção da escola.

Nesse interim, o candidato teria que atentar para o propósito de seu texto, propósito este subdividido em três comandos: o primeiro deles, reivindicar um posicionamento público da escola em defesa da professora (já que, pela situação apresentada, a escola ainda não havia se posicionado sobre a questão); o segundo, reivindicar a manutenção de aulas de Filosofia que tematizassem os Direitos Humanos; e, por fim, justificar as reivindicações anteriores. É essencial que o candidato se atente para a necessidade de explicitar as reivindicações claramente no texto e, pela natureza argumentativa do próprio gênero abaixo-assinado, justificá-las.

A fim de cumprir o propósito com rigor em relação aos comandos da prova, era necessário ainda que, na elaboração de sua argumentação, o candidato levasse em consideração os excertos oferecidos como textos-fonte da prova, cuja utilização deveria ser feita à luz de projeto de texto individual, mas que claramente deveria dialogar com a situação de produção motivadora da proposta de redação, especialmente com o texto do filósofo Teócrito de Corinto, estopim das críticas e ameaças à professora de Filosofia da escola.

O primeiro excerto, retirado da Declaração Universal dos Direitos Humanos, trata da educação, a qual deve orientar o pleno desenvolvimento da personalidade humana e promover o fortalecimento do respeito aos direitos humanos e liberdades fundamentais. Mais ainda, deve promover a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos,

atuando como coadjuvante das atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

O segundo excerto é uma tirinha de Alexandre Beck, a qual traz uma personagem criança assistindo à TV e questionando-se sobre o porquê de os professores serem considerados perigosos. Um adulto aparece na cena e esclarece que, para parte da sociedade, os professores são perigosos por ensinarem o povo a pensar.

O terceiro excerto é uma adaptação de um texto acadêmico de Celso Lafer - *A reconstrução dos direitos humanos: a contribuição de Hannah Arendt*. O autor traz à tona as ideias da filósofa Hanna Arendt sobre a questão dos direitos humanos. Arendt identificou uma consequência da experiência totalitária do nazismo e do stalinismo que chamou de “tudo é possível” e que levou pessoas a serem tratadas como supérfluas e descartáveis, contrariando valores da Justiça e do Direito. A filósofa propõe um mundo comum plural e igualitário, com exercício da liberdade e com o objetivo de impedir outros Estados totalitários como os do passado. Hoje em dia, contudo, Lafer observa que ainda existem situações sociais, políticas e econômicas que contribuem para tornar o homem um ser supérfluo e sem lugar no mundo comum proposto por Arendt, já que persiste a pobreza, a miséria, as violências, a intolerância, o terrorismo etc. Não estamos livres, portanto, da possibilidade de vivermos sob regimes totalitários.

O último excerto é de autoria de Leonardo Sakamoto, cientista político contemporâneo, e foi retirado do blog do autor. Nele, Sakamoto é contundente ao afirmar que a crença segundo a qual as escolas brasileiras sofrem de “contaminação político-ideológica” e são comandadas por “um exército organizado de militantes travestidos de professores” é falsa e uma contradição daqueles que, paradoxalmente, defenderiam pluralidade de pensamento nas instituições de ensino. Sakamoto exemplifica com países de alto desempenho em educação e cujo percurso educacional foi o oposto do que se propõe atualmente no Brasil, a saber, Estados Unidos, Nova Zelândia, Suécia, Finlândia e França. Se, no Brasil, estudos indígenas e africanos são vistos como favorecedores de “movimentos sociais” e vistos como “doutrinação”, na Noruega, país referência em educação, o currículo escolar volta-se generosamente para o estudo do povo *sami*, habitantes originais do norte da Escandinávia, em um claro respeito à diversidade e às raízes históricas do país. Ainda pior para Sakamoto é a obra de Paulo Freire, um dos mais renomados educadores brasileiros no mundo e defensor do pensamento livre, ser taxada como “Bíblia do Mal” no Brasil. Segundo Leonardo Sakamoto, graças a uma suposta doutrinação, o debate sobre educação no Brasil vem sendo empobrecido.

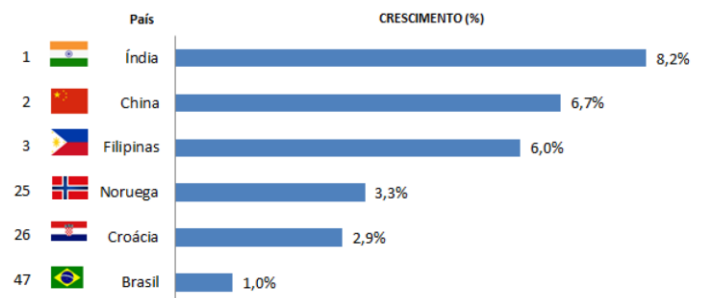
PROPOSTA 2

Sua professora de Geografia abriu um fórum no ambiente virtual da disciplina para discutir o tópico “IDH e crescimento do PIB como indicadores de desenvolvimento” e propôs as seguintes questões: a) Observe a classificação do Brasil nos *rankings* apresentados nos gráficos 1 e 2; b) Interprete os textos 3, 4 e 5; e c) Indique se haveria diferenças no desenvolvimento social do Brasil caso o país optasse por uma política econômica que tenha como consequência uma melhor classificação no *ranking* do IDH ou no *ranking* do crescimento do PIB.

Publique uma **postagem** nesse fórum, na qual, a partir da leitura dos textos indicados abaixo, você deve: **a)** apontar em qual *ranking* o Brasil subiria se privilegiasse os aspectos qualidade de vida e igualdade no desenvolvimento social; **b)** apresentar as consequências de priorizar o consumo para o desenvolvimento social; e **c)** argumentar em favor do seu ponto de vista.

1.

Ranking do crescimento do PIB

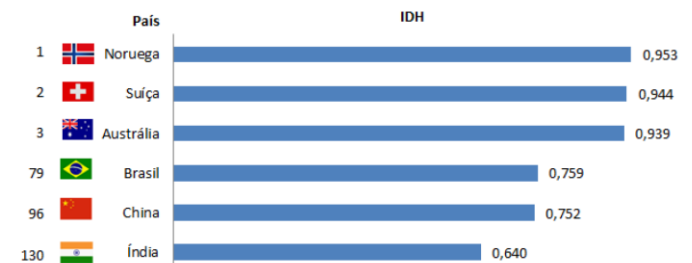


(Dados disponíveis em <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-fica-em-ultimo-em-ranking-de-crescimento-com-47-paises,70002481872>. Acessado em 28/06/2018.)

PIB significa Produto Interno Bruto, medida que representa a soma, em valores monetários, de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um determinado período.

2.

Ranking do IDH



(Fonte: PNUD, ed. 14 de setembro de 2018. *Human Development Indices and Indicators - 2018 Statistical Update*.)

IDH significa Índice de Desenvolvimento Humano, medida concebida pela ONU (Organização das Nações Unidas) para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população.

3. Um breve conjunto de informações para nos fazer repensar as relações de consumo:

- A indústria da moda é a segunda maior consumidora de água no mundo. Só perde para a do petróleo.
- Estima-se que 17% a 20% da poluição da água industrial vem de tingimento e tratamento têxtil.
- Cerca de 15% a 20% de tecido é desperdiçado a cada peça cortada. E tecido não é reciclável.
- Estima-se que 10% das emissões de gases de efeito estufa provêm da indústria da moda.
- As fábricas de moda consomem mais de 130 milhões de toneladas de carvão/ano para gerar energia.
- Para suprir a demanda do consumo, quase toda matéria-prima utilizada na moda resulta em problema: do algodão, cheio de pesticidas, ao poliéster, oriundo da exploração do petróleo.
- Operários da indústria têxtil em países como China, Índia e Bangladesh trabalham mais de 12 horas por dia e ganham menos do que 100 dólares por mês.

• Cerca de 80% da mão de obra deste mercado são mulheres. E menos de 2% ganham o suficiente para viver em condições dignas. Para ganhar mais, elas chegam a trabalhar mais de 75 horas por semana. E tem quem ache que o consumismo é um problema individual que só diz respeito à própria conta bancária...

(Adaptado de Nina Guimarães, O consumismo destrói o meio ambiente e incentiva o trabalho escravo. *Metrópoles*, 19/04/2017.)

4. As principais redes de varejo de moda do país associadas à ABVTEX (Associação Brasileira do Varejo Têxtil) já notam a melhora no ânimo dos consumidores. "O cenário é mais favorável, a partir do momento em que há maior disponibilidade de crédito; a inflação está abaixo do esperado, com aumento no poder de compra; e há uma leve redução do desemprego. Esses fatores somados ajudam a elevar a intenção de compra", aponta Lima, diretor executivo da ABVTEX. A FGV estima que, em 2018, o PIB cresça 2,5%. Esse crescimento deve permanecer liderado pelo consumo.

(Adaptado de Em 2018, crescimento permanecerá liderado pelo consumo, diz FGV. Disponível em <http://www.abvtx.org.br/>. Acessado em 04/05/2018.)

5. Pelo 12º ano consecutivo, só deu ela: a Noruega foi novamente eleita pela ONU como o melhor país do mundo para se viver. Segundo Jens Wandel, diretor do departamento administrativo do Programa de Desenvolvimento da ONU, o sucesso do país consiste em combinar o crescimento de renda com um elevado nível de igualdade. "Ao longo do tempo, a Noruega conseguiu aumentar sua renda e, ao mesmo tempo, garantir que os rendimentos sejam distribuídos de modo uniforme".

(Adaptado de Índice de Desenvolvimento Humano: o que faz da Noruega o melhor lugar para se viver? *Huffpost Brasil*, 17/12/2015.)

Comentários

A segunda proposta da redação do vestibular Unicamp 2018 solicita que o candidato produza uma postagem em um fórum de ambiente virtual. O fórum em questão foi criado pela professora de Geografia do(a) estudante para discutir o tópico "IDH e crescimento do PIB como indicadores de desenvolvimento".

Para isso, a professora propõe as seguintes questões:

a) Observe a classificação do Brasil nos rankings apresentados nos gráficos 1 e 2.

O gráfico 1 apresenta o crescimento do PIB (em %) de alguns países, lista liderada pela Índia, com índice de 8,2. O Brasil ocupa a posição 47º, com 1% de crescimento, enquanto a Noruega está em 25º, crescendo 3,3%. Logo abaixo, há a contextualização de que PIB significa Produto Interno Bruto, medida que representa a soma, em valores monetários, de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um determinado período.

O gráfico 2 apresenta um *ranking* do IDH, que significa Índice de Desenvolvimento Humano, medida concebida pela ONU (Organização das Nações Unidas) para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população. A Noruega ocupa o topo da lista, com o IDH de 0,953. O Brasil aparece na posição 79º (0,759), seguida pela Índia em 130º (0,640).

b) Interprete os textos 3, 4 e 5.

O texto 3 traz um conjunto de informações que demonstram quão danosa é a indústria da moda para o meio ambiente e para o bem-estar dos trabalhadores. O intuito do excerto é mostrar que o consumismo não é apenas um problema individual – uma vez que pode gerar endividamento –, mas também social, pois afeta a todos que são prejudicados pelos impactos gerados.

O texto 4 aponta que há um cenário favorável para elevação do PIB brasileiro – com a maior disponibilidade de crédito; inflação abaixo do esperado; leve redução do desemprego –, crescimento que será liderado pelo consumo.

O texto 5 corrobora com o índice trazido no gráfico 2: a Noruega foi eleita como o melhor país do mundo para se viver. O país foi escolhido pelo 12º ano consecutivo pela ONU e, segundo o diretor do departamento administrativo do Programa de Desenvolvimento da ONU, esse sucesso ocorre, pois, "Ao longo do tempo, a Noruega conseguiu aumentar sua renda e, ao mesmo tempo, garantir que os rendimentos sejam distribuídos de modo uniforme".

c) Indique se haveria diferenças no desenvolvimento social do Brasil caso o país optasse por uma política econômica que tenha como consequência uma melhor classificação no ranking do IDH ou no ranking do crescimento do PIB.

Para refletir sobre ambos os casos, o candidato, deveria retornar ao item a), na comparação entre as classificações dos países em questão.

É relevante perceber que a Índia ocupa a 1ª posição quanto ao crescimento do PIB, mas aparece em último lugar no índice de Desenvolvimento Humano. Ou seja, embora o país tenha uma alta produção de bens e serviços, a qualidade de vida e distribuição de renda não acompanha esse crescimento. Logo, usando esse exemplo, é possível depreender que, caso o Brasil optasse por uma política econômica que tenha como consequência uma melhor classificação no *ranking* do PIB, o desenvolvimento social do país seria prejudicado.

Seguindo a mesma lógica, é interessante avaliar o caso da Noruega. O país ocupa uma posição mediana quanto ao crescimento do PIB, de 3,3%. Em contraponto a isso, quanto ao *ranking* de IDH, é líder da lista, com índice de 0,953. Com base nesses dados, é possível inferir que o governo norueguês prioriza a qualidade de vida da população em detrimento do crescimento econômico. Logo, caso o Brasil optasse por uma política econômica que tenha como consequência uma melhor classificação no *ranking* do IDH, haveria um aumento no desenvolvimento social do país.

Após a realização de tais tarefas, o estudante deveria publicar uma postagem no fórum online, em que deveria:

a) apontar em qual *ranking* o Brasil subiria se privilegiasse os aspectos qualidade de vida e igualdade no desenvolvimento social.

Com base nas análises de casos realizadas, fica claro que o Brasil subiria no *ranking* do IDH caso privilegiasse tais aspectos.

b) apresentar as consequências de priorizar o consumo para o desenvolvimento social:

Neste item, é possível que o candidato retome o caso da Índia. O país, por privilegiar o crescimento do PIB, apresentou baixíssimo índice de IDH, o que tem como consequência uma baixa qualidade de vida e desenvolvimento econômico de toda a população, que são implicações dessa medida.

c) argumentar em favor do seu ponto de vista.

Por fim, o candidato deveria utilizar os textos-fonte para sustentar a ideia de que privilegiar o consumo geraria malefícios para o desenvolvimento social do Brasil. Tal cenário já é um fato, como demonstra o Texto 4, que indica uma expectativa de crescimento do PIB que seria liderado pelo aumento do consumo.

Para argumentar em favor desse ponto, o Texto 3 pode ser aproveitado para demonstrar que, com o alto consumismo, o desenvolvimento social fica prejudicado. Tal afirmação pode ser comprovada com as seguintes informações: "operários da indústria têxtil em países como China, Índia e Bangladesh trabalham mais de 12 horas por dia e ganham menos de que 100 dólares por mês" e "cerca de 80% da mão de obra deste mercado são mulheres. E menos de 2% ganham o suficiente para viver em condições dignas. Para ganhar mais, elas chegam a trabalhar mais de 75 horas por semana". Além disso, há um uso massivo de recursos naturais, o que gera excesso de lixo, emissão de gases do efeito estufa e poluição da água. Ademais, o caso da Noruega apresentado pelo Texto 5 pode ser usado para demonstrar como a priorização de políticas focadas em qualidade de vida e igualdade no desenvolvimento social gera melhoria do desenvolvimento social.

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 01

“Parábola: s.f. Narrativa alegórica que evoca, por comparação, valores de ordem superior, encerra lições de vida e pode conter preceitos morais ou religiosos.”

(Caldas Aulete, *Dicionário Aulete digital*. Disponível em www.aulete.com.br/parabola. Acessado em 12/07/2018.)

a) Considera-se que a novela “A hora e vez de Augusto Matraga” tem semelhanças com o gênero parábola. Justifique essa afirmação com base em elementos da cena final da narrativa, relacionando-os com a definição apresentada.

b) A identidade da personagem Augusto Matraga passa por um processo de transformação ao longo da narrativa. Tal processo é deflagrado por um evento que divide a vida do protagonista em duas fases. Indique o evento responsável por esse processo de transformação da personagem e explique de que maneira ele afetou a sua identidade.

Resolução

a) Na cena final da narrativa, no povoado do Rala-Coco, Nhô Augusto reencontra seu amigo, Joãozinho Bem Bem, o temido líder de um grupo de cangaceiros que amedrontava as vilas e cidades do sertão. Ao chegar, Augusto presencia a preparação de uma terrível vingança: Juruminho, um dos jagunços de Joãozinho Bem Bem, fora baleado pelas costas por um morador local que fugiu em seguida. Esse tipo de morte “à traição” era considerada particularmente desonrosa pelo código sertanejo e exigia uma reação enérgica do líder do grupo. Não podendo vingar a morte de seu comparsa, Joãozinho Bem Bem impõe ao pai do assassino de Juruminho, um senhor em idade avançada, que escolha um de seus outros dois filhos (irmãos do assassino) para ser morto em seu lugar. Diante dos pedidos de clemência do velho, o chefe do bando mantém-se inflexível, argumentando que deve cumprir a lei do sertão, pois, se não o fizesse, perderia o respeito dos seus comandados bem como do povo do lugar. Nesse momento, Nhô Augusto intervém a favor do velho e se interpõe entre a família indefesa e o jagunço. Embora se respeitassem e se estimassem, Nhô Augusto e Joãozinho Bem Bem travam um violento duelo e ambos morrem. Antes de morrer, porém, Augusto Matraga manifesta um contentamento, perdoa sua esposa e abençoa sua filha, dizendo que estava tudo bem. Ele, afinal, encontrara sua hora e vez.

Esse desfecho finaliza o processo de conversão do personagem iniciado no povoado do Tombador, onde ele se dedicara ao trabalho duro e à oração como forma de penitenciar-se de seus pecados, renunciar às suas paixões e domar a violência de seu caráter para, assim, assemelhar-se a Jesus, manso e humilde de coração, e, dessa forma, poder entrar no céu, tendo sua hora e vez.

Ao final da narrativa, embora o personagem tenha incorporado o arquétipo de Cristo, vagando pelo sertão montado num burro, o fim de sua trajetória contraria os princípios cristãos, uma vez que sua redenção ocorre a partir do momento em que ele reencontra seu lado humano, juntamente com suas paixões e sua violência. A diferença é que, nesse ponto, Matraga sabe direcionar seus impulsos na hora certa para a ocasião certa.

Esse percurso do personagem adquire um caráter simbólico em conformidade com o gênero “parábola”, visto que a narrativa de Guimarães Rosa transcende o interesse local e pitoresco do sertão e busca apreender experiências de caráter universal. Assim, a história de Augusto Matraga, embora questione os pressupostos estabelecidos pela filosofia cristã, configura-se como uma narrativa de valor moral, que pode ser tomada como um princípio filosófico e moralizante segundo o qual a redenção do homem não está na renúncia de si, mas na aceitação daquilo que se é. É possível também considerar que a moral do conto consiste em afirmar que a redenção está na própria experiência humana e não em algo que a transcenda.

b) O evento que deflagra o processo de transformação de Nhô Augusto está relacionado à metáfora da queda. Ao contar a primeira parte de sua vida, o narrador afirma que “Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, da Pindaíbas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem – (...)”. Nesse ponto, Augusto ainda não é Matraga, termo que designa sua nova condição existencial alcançada somente ao final do conto. Por enquanto, ele é Augusto Esteves, filho do coronel Afonso Esteves – sobrenome e genealogia que mostram que o personagem ocupa uma posição de poder naquela comunidade, uma vez que descende de uma linhagem de coronéis e proprietários de terra. A forma de tratamento “nhô”, redução de “senhor”, enfatiza sua posição de superioridade,

confirmada pelo epíteto “o homem”, que simboliza sua autoridade. Entretanto, o modo como Nhô Augusto exerce seu poder no povoado do Murici evidencia seu caráter despótico e cruel, pois ele despreza e maltrata sua mulher e filha e oprime os mais fracos.

A situação dele, porém, começa a mudar num dia fatídico em que sua mulher o abandona, fugindo com seu amante e levando consigo a filha do casal. Ao receber essa notícia, Nhô Augusto também é informado de que seus capangas o abandonaram, pois estavam descontentes com a falta de pagamento e passaram a trabalhar para seu rival, o Major Consilva. Movido por seu temperamento violento, o protagonista vai diretamente tirar satisfações com o inimigo e acaba sendo vítima de uma emboscada armada pelos próprios ex-empregados. Nhô Augusto recebe uma surra violenta, é marcado a ferro e, para escapar da morte, pula de um barranco muito alto e é dado como morto.

Assim, a queda pode ser interpretada figurativamente, como a perda de poder e influência e também no seu sentido mais literal. Augusto, como passa a ser designado a partir desse ponto, é resgatado por um casal de idosos que tratam de suas feridas até ele se reestabelecer. Durante sua convalescença, ele tem tempo de pensar na sua vida pregressa e se arrepende de suas maldades e, com a ajuda de um padre, resolve mudar de vida, domando suas paixões, arrependendo-se de seus pecados e dedicando-se às orações e à penitência com o objetivo de entrar no céu. Incorporando os preceitos cristãos, Augusto passa a servir os velhos que o salvaram, procurando adotar uma atitude de resignação, paciência e submissão para alcançar sua “hora e vez” e ser merecedor de entrar no reino dos céus.

QUESTÃO 02

Atrás dos olhos das meninas sérias

Mas poderei dizer-vos que elas ousam? Ou vão, por injunções muito
[mais sérias,
lustrar pecados que jamais repousam?

O texto acima encontra-se no livro *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar. Leia-o atentamente e responda às questões.

a) Indique a quem se referem, no texto, a segunda pessoa do plural (“vos”) e a terceira pessoa do plural (“elas”).

b) Por meio da partícula “Ou”, o poema estabelece uma alternativa entre duas situações: a ousadia e a ação de “lustrar pecados”. Explique de que maneira a primeira situação é diferente da segunda, levando em consideração o título do poema.

Resolução

a) O eu lírico, primeira pessoa do singular (marcado pela desinência -i, poderei), estabelece interlocução com a segunda pessoa do plural (dizer-vos). Esses interlocutores seriam os próprios leitores de Ana Cristina Cesar. Já a terceira pessoa do plural (elas) se refere endoforicamente às “meninas sérias”, presentes no título do poema.

b) O enunciado pressupõe que a ousadia (“elas ousam”) se opõe ao comedido (“lustrar pecados”). Para essa leitura, é necessário considerar o sentido de lustrar como “expiar”, “redimir”. Ou seja, o eu lírico enxerga nas “meninas sérias” uma ambivalência: sua aparência pode ocultar uma essência diversa. Nesse sentido, seriam elas, secretamente, ousadas ou, por pressões sociais (um dos sentidos de “injunções”), castas. Veja-se, portanto, que esses dois comportamentos são subjacentes à aparência, estão “atrás dos olhos das meninas sérias”. Também parece proveitoso dizer que a castidade não é uma opção pessoal das meninas sérias, mas viria por uma imposição que se opõe ao tom libertário e revolucionário da obra da autora.

QUESTÃO 03

(...) Recordo-lhe que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro recordo-lhe eu, é de história, Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos gêneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender, (José Saramago, *História do Cerco de Lisboa*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003, p.12.)

(...) O que você quer dizer, por outras palavras, é que a literatura já existia antes de ter nascido, Sim senhor, como o homem, por outras palavras, antes de o ser já o era. Parece-me um ponto de vista bastante original, Não o creia, senhor doutor, o rei Salomão, que há muito tempo viveu, já então afirmava que não havia nada de novo debaixo da rosa do sol.

(*Idem*, p.13.)

(...) Então o senhor doutor acha que a história e a vida real, Acho, sim, Que a história foi vida, real, quero dizer, Não tenho a menor dúvida, Que seria de nós se não existisse o *deleatur*, suspirou o revisor.

(Idem, p.14.)

a) Nos excertos acima, revisor e autor discutem uma questão decisiva para a escrita do romance de José Saramago. Identifique essa questão, presente no diálogo entre as duas personagens, e explique sua importância para o conjunto da narrativa.

b) No terceiro excerto, o revisor utiliza a palavra *deleatur*. O que significa essa expressão e por que ela é tão importante para o revisor?

Resolução

a) Os excertos do romance *História do cerco de Lisboa* apresentados no enunciado constituem partes de um diálogo entre o revisor Raimundo Silva e o autor do livro sobre o cerco de Lisboa, evento ocorrido no século XIII. A questão sobre a qual os dois personagens debatem relaciona-se às fronteiras que separam a história e a literatura. A princípio, a primeira é concebida como a expressão da verdade, ou seja, de um discurso que pretende construir uma narrativa fidedigna em relação ao passado, enquanto a segunda caracterizar-se-ia por ser um discurso ficcional, sem compromisso com a verdade histórica.

O ponto de vista de Raimundo, porém, tende a abalar tais definições, uma vez que, segundo ele, “tudo quanto não for vida, é literatura (...) a história sobretudo”. Nesse sentido, para o revisor, a narrativa histórica também poderia ser considerada uma espécie de ficcionalização do passado, uma vez que ela não o descreveria objetivamente, tal como ele ocorreu; ao invés disso, a História não deixaria de ser uma narrativa que apresenta a perspectiva de quem a elaborou. Em outras palavras, o sujeito que se propõe a recontar o passado também está fazendo literatura, pois seu texto carrega seus pontos de vista, valores e concepções que acabam por produzir uma versão da história e não sua totalidade.

Ao afirmar que “a literatura já existia antes de ter nascido”, Raimundo declara a superioridade dessa forma de expressão sobre as demais, visto que a origem da arte literária estaria na necessidade que o homem tem de produzir narrativas a respeito do mundo e de suas próprias experiências; desse modo, a história, assim como outras formas de expressão, estaria na raiz dessa ação humana.

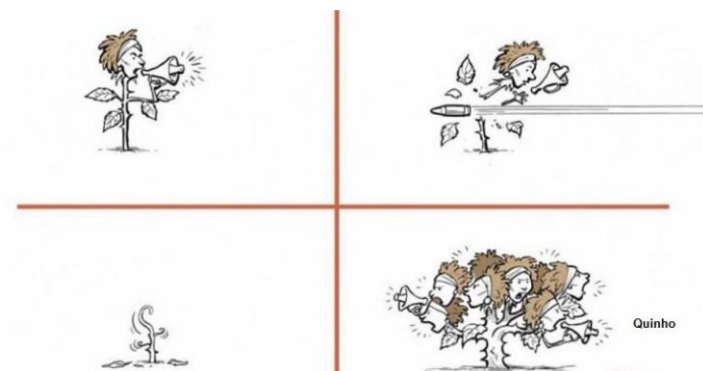
A importância dessa questão para o conjunto do romance consiste na relativização dos limites que separam a literatura da vida e da história. Raimundo Silva, ao inserir o “não” no texto que revisava, altera seu sentido, assim, a afirmação verdadeira de que os cruzados auxiliaram os portugueses a tomar Lisboa se transforma em seu oposto. Ao fazer com que os cruzados recusem ajuda ao rei Dom Afonso Henriques, o revisor transforma uma mentira em verdade e dessa forma chama a atenção para o fato de que o que se considera como verdade histórica pode ter sido fruto de uma fantasia ou de um engodo.

Além disso, ao reescrever a nova versão da história do cerco de Lisboa na qual os cruzados não ajudam os portugueses, Silva, através da ficção, revela pontos de vista ignorados pela história oficial, como, por exemplo, a experiência de um soldado comum, Mogueime, em relação à guerra travada pelos poderosos, e ainda a versão dos vencidos, os mouros, retratados pela História como bárbaros e incivilizados. O revisor recria ficcionalmente o discurso do governador dos mouros aos portugueses, no qual ele descreve as atrocidades cometidas pelos heróis de Portugal na tomada de Santarém. Assim, através da ficção, Raimundo lança luz sobre os esquecidos da História e, com isso, mostra que a narrativa histórica oficial é apenas uma e que ainda há muitas outras esperando para serem contadas.

b) A palavra “deleatur”, mencionada por Raimundo, vem do latim e significa “destrua-se”. No contexto, refere-se a um sinal gráfico utilizado pelos revisores para assinalar que uma determinada palavra ou frase devem ser suprimidas do texto original. No romance, o *deleatur* adquire um valor simbólico, uma vez que ele mostra que nenhum texto está pronto e acabado na sua forma definitiva, mas está aberto a inúmeras recriações e intervenções. Nesse sentido, o *deleatur* torna-se importante para Raimundo Silva, pois lhe permite sair do lugar subalterno de revisor e assumir o papel de autor, para, assim, poder interferir no texto da história eliminando verdades ou versões já consagradas e inserindo outras perspectivas até então ignoradas. Em suma, o *deleatur* torna-se um símbolo de poder, pois, através dele, Silva sai do lugar passivo de revisor e assume a autoria de textos capazes de interferir tanto na interpretação de um determinado fato do passado como na própria concepção da história.

QUESTÃO 04

O texto a seguir, publicado junto com a *charge* abaixo, foi escrito em homenagem a Marielle Franco, mulher negra, da favela, socióloga, vereadora do Rio de Janeiro. Defensora dos Direitos Humanos, Marielle foi morta a tiros no dia 14 de março de 2018, no Estácio, região central da cidade.



O luto por Marielle me conduz ao poema *A flor e a náusea* de Carlos Drummond, cada dia mais atual, nos lembrando que “o tempo não chegou de completa justiça. O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera”. Ele pergunta: “Posso, sem armas, revoltar-me?”. O inimigo está com a faca, o queijo, os fuzis e as balas na mão, o que aumenta nosso sentimento de impotência. Drummond me mostra a flor furando “o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” e, dessa forma, “me salvo e dou a poucos uma esperança mínima”. A poesia, território onde os assassinos não entram, tem esse poder milagroso de colocar ao nosso alcance a arma da razão com muita munição de esperança.

(Adaptado de José Ribamar Bessa Freire, “Uma toada para Marielle: a flor que fura o asfalto”. A charge de Quinho foi encontrada na internet pelo autor da crônica. Disponível em <http://www.taquiprati.com.br/cronica/1387-uma-toada-para-marielle-a-flor-que-fura-o-asfalto>. Acessado em 03/09/2018.)

a) Segundo o dicionário Michaelis, “estar com a faca e o queijo na mão” significa “ter poder amplo e irrestrito”. Como isso aparece no trecho da crônica e na *charge*?

b) Como a ideia de “munição de esperança” está expressa na *charge* e no poema citado?

Resolução

a) Na crônica, ao mencionar que “o inimigo está com a faca, o queijo, os fuzis e as balas na mão”, o autor corrobora com a ideia de que o inimigo em questão tem poder amplo e irrestrito, uma vez que pode, além de ter total controle sobre dada situação, dar fim a ela. Neste caso, pela violência, como aconteceu com o assassinato de Marielle Franco, daí a sensação de impotência dos indivíduos frente a esse acontecimento – em consonância com Drummond –, expressa pelo questionamento “Posso, sem armas, revoltar-me?”.

Na charge, a ideia de *poder* contida na expressão idiomática pode ser percebida pela bala que atinge a figura da flor que, por sua vez, representa a vereadora.

b) No poema *A flor e a náusea* de Carlos Drummond, a “munição de esperança” é representada pela imagem de uma flor furando “o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”.

Já na charge, essa munição está expressa pelo nascimento de “novas Marielles” após o assassinato, ou seja, as lutas levantadas pela vereadora assassinada passariam a ser disseminadas por outras pessoas.

QUESTÃO 05

Alguém já escreveu que a internet é um instrumento democrático. Tomada ao pé da letra, essa afirmação é falsa. Eu gostaria de corrigi-la, acrescentando: a internet é um instrumento potencialmente democrático. Para fazer uma pesquisa navegando na *web*, precisamos saber como dominar os instrumentos do conhecimento: em outras palavras, precisamos dispor de um privilégio cultural que é ligado ao privilégio social.

As escolas precisam da internet, mas a internet precisa de uma escola onde o ensino real acontece. A internet não apenas faz referência aos livros, mas pressupõe livros. A leitura fragmentada em palavras e frases isoladas do contexto integral sempre foi parte da leitura de cada um, mas o livro é o instrumento que nos ensina a dominar a extraordinária

velocidade da internet – para ser capaz de usá-la, você precisa aprender a “ler devagar”.

Não consigo imaginar que alguém possa aprender sozinho, sem modelos, a prática profundamente artificial da leitura lenta. Daí a internet pressupor não apenas os livros, mas também aqueles que ensinam a ler livros — ou seja, professores em carne e osso.

(Adaptado de “Carlo Ginzburg: a internet é um instrumento potencialmente democrático”. Disponível em <http://www.fronteras.com/artigos/carlo-ginzburg-ainternet-nao- apenas-remete-aos-livros-como-tambem-pressupoe-livros-427135419>. Acessado em 02/09/2018.)

a) De que argumentos o autor se vale para refutar a afirmação de que a internet é um instrumento democrático?

b) Explique por que a internet pressupõe “professores em carne e osso” e livros.

Resolução

a) O autor relativiza a afirmação de que a internet seja democrática (“a internet é um instrumento potencialmente democrático”). Essa relativização decorre de que, segundo Ginzburg, o domínio dos “instrumentos do conhecimento”, pressuposto para um pretensão uso satisfatório da rede (“uma pesquisa navegando na *web*”), seja um privilegio. O autor entende esse privilégio como um encadeamento: as vantagens sociais geram o privilégio cultural. Portanto, o poder aquisitivo, de que a população não goza de maneira homogênea, permitiria também o acesso aos bens culturais, dessa forma distribuídos desigualmente. Assim, considerando esse contexto de exclusão, social e, a seguir, cultural, “uma escola onde o ensino real acontece” não estaria democraticamente ao alcance de todos.

b) A argumentação do autor coloca o livro no papel central da leitura, e, mais especificamente, da leitura cuidadosa, criteriosa, detida (“ler devagar”). O desenvolvimento dessa leitura “lenta”, nos livros, seria fundamental para “dominar a extraordinária velocidade da internet”. Tal exercício foge ao natural (“a prática profundamente artificial da leitura lenta”) e, em decorrência disso, requer atividades guiadas pelos “professores em carne e osso” (aqueles que “ensinam a ler livros”). A expressão “em carne e osso” parece referir-se aos indivíduos concretos, sujeitos reais da educação, em oposição a uma educação virtual, a distância. Isto é, para Ginzburg, a prática da leitura se dá na triangulação presencial entre professor, aluno e livro e, observe-se, é posteriormente que acontece a migração do leitor (proficiente) para a internet.

QUESTÃO 06

O xeque-mate - do persa *shāh māt*: o rei está morto - ocupa uma função controversa nas leis do jogo de xadrez. Trata-se de uma expressão que designa o lance final - é quando um dos reis não tem mais qualquer possibilidade de movimento. De saída, e nisso consiste o primeiro traço de ambivalência da expressão, a rigor, o rei não morre. Pode-se dizer até que o rei agoniza - mas de seu destino quase nada sabemos. Em resumo, o xeque-mate é exatamente, negando o que enuncia a expressão, o lance anterior ao que podemos chamar de morte. Diferentemente do senso comum, que vê grandeza naquele que luta até o último instante - a saber, até a morte -, o jogador de xadrez deve ter a medida de seu esforço. Saber abandonar uma partida no momento certo, portanto, é uma demonstração de domínio da própria derrota. A morte, por jamais tornar-se concreta, fica sendo pura potência. Talvez seja este caráter inacabado - o jogo acaba sempre antes de acabar - que concede, afinal, ao jogo de xadrez, na forma de rito, a possibilidade de um eterno recomeçar.

(Adaptado de Victor da Rosa, “Xeque-mate”. Disponível em <http://culturaebarbarie.org/sopro/verbetes/xequemate.html>. Acessado em 04/09/2018.)

a) Victor da Rosa afirma que há uma ambivalência na expressão “xeque-mate”. Explique-a.

b) Explique, com dois argumentos, por que a posição do autor quanto à grandeza do jogo de xadrez contraria o senso comum.

Resolução

a) O autor chama de ambivalente a expressão “xeque-mate” a partir de sua leitura literal: “o rei está morto”. Haveria uma ambivalência, uma contradição, entre o xeque-mate e a situação a que ele se refere. A morte do rei, sua derrota, não chega a materializar-se nessa jogada (“o xeque-mate é exatamente, negando o que enuncia a expressão, o lance anterior ao que podemos chamar de morte”), uma vez que o xeque-mate acontece “quando um dos reis não tem mais qualquer possibilidade de movimento”. Ora, esse momento não seria o da morte, mas o retrato da inevitabilidade dela. Desse ponto de vista, sustentado

por Victor da Rosa, o rei não estaria morto de fato, mas teríamos certeza da proximidade de sua morte.

b) Se, para o senso comum, a “grandeza” está “naquele que luta até o último instante”, não é isso que se observa numa partida de xadrez, como afirma o autor. Para ele, “o jogador de xadrez deve ter a medida de seu esforço”, isto é, saber o momento de abandonar a partida, sem sacrifícios inócuos ou esforços improdutivos, diante da derrota inevitável. O jogador, segundo Victor da Rosa, ao reconhecer seu fracasso como inexorável, dá “uma demonstração de domínio da própria derrota”. Outro argumento é o caráter inacabado do jogo de xadrez: “o jogo acaba sempre antes de acabar”, ideia que vai de encontro ao conceito de finalização ou conclusão do senso comum. Ora, uma vez que o rei não chega à morte de fato, essa indefinição permitiria um novo recomeço. A guerra entre as peças brancas e pretas nunca terminaria, dando sempre chance a uma nova batalha: “a possibilidade de um eterno recomeçar”.

Equipe desta resolução

Português

Aline Silva Vinci

Mateus Bego Bueno

Thiago do Nascimento Godoy

Revisão e Publicação

Elieil Barbosa da Silva

Vanessa Alberto